



Bernunça é algo demoníaco, tem origem no demo, e ataca as crianças que não estejam batizadas. Destarte, a proteção só virá com o batismo segundo o rito católico. O bicho papão é expulso durante o exorcismo, quando os padrinhos renunciam a Satanás e a suas obras e juram, em nome do batizando seu afilhado, aderir à fé da Igreja.

Nessa fase da celebração, pergunta o sacerdote por três vezes aos padrinhos: *Renuncias a Satanás?* E o padrinho responde: *Renuncio!* Percebe-se que as respostas conduzem à forma do masculino (*Bernúncio*, *Bernunço*), e não ao feminino *Bernunça* como depois vai ser interpretado.

Como outrora toda a celebração obedecia à língua latina, os padrinhos deviam responder, em latim, *Abrenúntio*. Para o popular, a pronúncia ficava difícil e misteriosa. Teria, o bicho papão, um nome tão esquisito como oficial? Tudo leva a crer que o termo foi levado ao popular como designando o próprio bicho papão. O vocábulo latino *abrenúntio*, que em si é um verbo, teria passado por corruptela e adaptações, chegando ao *Bernúncio*, *Bernúncia* e, finalmente, *Bernunça*.

Assim, de *Abrenúntio* deve ter vindo a mudança, eliminando por aférese o “a” inicial e levando o vocábulo para o feminino. O termo *abrenúncio* foi incluído no vernáculo e consta como verbete no Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa, de Buarque de Holanda: *abrenúncio*, interjeição: Credo! Sai, demônio!, do verbo abrenunciar, rejeitar, repelir.

Sintetizando, *Bernunça*, pronúncia e forma gráfica mais freqüente entre nós, é resultado de uma corruptela do latim *Abrenúntio*, e destinou-se a designar o bicho papão que resultou na representação corpórea daquela figura obrigatório no elenco da dança do Boi de Mamão. Foi criado pelo povo, de uma maneira muito original, constituindo-se num verdadeiro fato folclórico produzido pelo povo simples de Santa Catarina.

¹ Para aprofundar referências, consulte: Câmara Cascudo, **Dicionário do Folclore Brasileiro**; Boletins da Comissão Catarinense de Folclore, números 4 e 5; Trabalhos sobre a *Bernunça* escritos por Álvaro Tolentino de Souza, Osvaldo Ferreira de Melo, Orlando Ferreira de Melo, Frei Odorico Durieux OFM, Walter Spalding de Souza, Antônio Nóbrega Fontes.

Endereço do Autor:

Av. Hercílio Luz, 199 / Apto. 702
Centro
88021-001 Florianópolis - SC



DOM PAULO EVARISTO ARNS
Homem amado e perseguido

CENÁRIOS DA IGREJA

TEATRO, TEMPLO E MERCADO
Organização e Marketing de um empreendimento neopentecostal

RECENSÕES

DOM PAULO EVARISTO ARNS

Homem amado e perseguido

Evanise Sydow e Marilda Ferri

Vozes, Petrópolis, RJ, 1999, 423p.

Quando, em 1979, Figueiredo anistiou torturados e *torturadores* da Ditadura Militar (1964-84), um trabalho sigiloso de trinta estudiosos, por cinco anos, patrocinado pelo CMI, realizou a proeza de fotocopiar, no Superior Tribunal Militar, um milhão de páginas dos 707 processos de prisão, tortura e morte, e relatá-los em cinco mil. Ofeito visava desvendar os porões da Ditadura, preservar a memória do país e, sobretudo, evitar nele sua recorrência.

Síntese de 312 p. foi publicada, em 25.000 exemplares, pela Ed. Vozes, sob o título; *Brasil, Nunca Mais*, 1985, hoje na 29ª edição, sob a responsabilidade do Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns, atualmente Arcebispo Emérito de São Paulo. Eis os temas: formas de tortura; sistema repressivo; repressão; subversão do Direito; marcas e limites extremos da tortura. Na lista dos mais vendidos, o livro ocupou, por 25 semanas, o 1º lugar, integrando-a durante por 91 semanas. Nos Estados Unidos, saiu a tradução, *Torture in Brazil*, 1986, além do relato *O acerto de contas com os torturadores*, 444 denominados nos 707 processos. Por isso Sarney assinou, em 85, a *Convenção da ONU contra a Tortura*.

Esses dados integram a 15ª das 21 seções da recém-editada biografia de *Dom Paulo Evaristo Arns, homem amado e perseguido*, dissertação de mestrado das jornalistas Sydow e Ferri, na Cásper Líbero, nota máxima, fruto de consulta a 118 personagens e numerosos arquivos, inclusive no exterior. Farta em documentos e detalhes, relata a ação humanitária, ecumênica e cristã de Dom Paulo à frente da Arquidiocese de São Paulo, 1966-98, onde exerceu ação decisiva nos movimentos que defenderam a vida, dignidade humana, paz e justiça, contra a Ditadura. Portador de rara lucidez, coragem e determinação, visitava presos e torturados, celebrava ecumenicamente o enterro dos assassinados, como Hirata, Vannucchi, Paulo Wright, Santo Silva, Herzog, Fiel e das 1500 ossadas desenterradas da vala de Perus em 1990. Amparava as vítimas, solidarizava-se com os seqüestrados (incluindo Dom Hipólito e Casaldáliga), denunciava, desde 1971, os atos de tortura. Para dar eficácia à Pastoral e minimizar riscos de vida, obteve o engajamento

de ilustres juristas (Bicudo, L. Sobrinho, Dallari, Comparato...), de Clérigos, Pastores e Rabinos, criou Fundações sociais, como a *Comissão de Justiça e Paz* e a *Coordenadoria Ecumênica de Serviço*, editou documentos sobre a atuação cristã na Política e escreveu 48 livros. Para localizar desaparecidos no Cone Sul, apoiou o periódico *Clamor*, editado em várias línguas.

Alcançando o Brasil e o mundo, sua ação aumentou o engajamento do clero na vida do povo, preferida a classe pobre, inspirou políticos como Carter, Cardoso, Lula, Erondina e covas, exerceu influência decisiva na igreja: CNBB, Conferência Episcopal Latino-Americana de Medellín, 68, e Puebla, 79 (na de Santo Domingo, 92, sofreu atentado), além de nos Sínodos universais dos Bispos.

Fez jus a 121 títulos e prêmios. Entre os 15 doutorados *honoris causa*, conferidos por Universidades do exterior (9) e do país (6), sobressai o de Indiana, Estados Unidos, junto com o Presidente Jimmy Carter, em 1977. Primam, pela importância, o Prêmio internacional *Letelier-Moffitt* de Direitos Humanos, em Washington, e o Prêmio (o 11º) da Fundação Niwano da Paz, de Tóquio, cujo valor Arns aplicou em obras sociais, como o fizera com a venda do Palácio Pio XII, no Sumaré, cujo dinheiro aplicou na fundação de mais de 1000 centros sociais para as Comunidades Eclesiais de Base, CEBs. Em 30.6.99, a *IstoÉ* classificou-o em segundo lugar entre os 20 “religiosos do século”. Esquivel, Nobel da Paz, e muitos outros líderes, candidataram-no ao Nobel da Paz em 1989. Embora merecedor, não o alcançou, já porque a Cúria Romana se desinteressou de contribuir para a homenagem a um promotor da Teologia da Libertação.

Com base na convicção de que promover direitos humanos é ser “subversivo e comunista”, os militares lacraram a Rádio 9 de julho, censuraram o jornal arquidiocesano *o São Paulo*, invadiram a PUC e submeteram a Igreja à *Operação Rapa*. Por sua vez, a Cúria Romana dividiu a Arquidiocese em 4 dioceses *autônomas*, desacatando a proposta de dividi-la em 7 ou 9 *interdependentes*. A Congregação para a Doutrina da Fé censurou a *Teologia da Libertação*, que busca libertar, de situações objetivamente injustas e opressoras, pessoas e/ou grupos sociais. A mesma Congregação romana, movendo processo disciplinar contra Leonardo Boff, impôs a esse teólogo, discípulo e amigo de Arns, “silêncio obsequioso” e destituiu-o dos cargos de professor de Teologia, redator da REB e editor religioso da ed. Vozes, cerceando a linha libertadora e progressista, comum a ambos.

Eis a trajetória de “uma das mais importantes personalidades brasileiras do século XX”, no dizer do Pastor Wright. Fascina e ensina aos que atuam na Docência, na Política, na Pastoral e no Direito. Emérito, continua

a trabalhar em favor dos oprimidos do país: assaltados e seqüestrados, 32 milhões de miseráveis, 8 milhões de crianças carentes, 10 milhões de desempregados. Esta, a figura humana extraordinária, dignamente retratada pelo livro em apreço.

Oswaldo Furlan

Professor Titular da UFSC aposentado, doutor em Letras, bacharel em Direito, licenciado em Filosofia, aluno de Dom Arns em Teologia, autor de 16 livros e 30 artigos em periódicos especializados.

Endereço do Recensor:

Av. Ângelo Crema, 416
Córrego Grande
88034-270 Florianópolis - SC

CENÁRIOS DA IGREJA

João Batista Libânio
Loyola, SP, 1999, 133p.

Já no limiar do terceiro milênio, sob vários matizes, a pergunta permanece: Para onde vai a Igreja? Poucos se aventuram a dizer algo sobre o assunto. Silenciados alguns, outros silenciaram! Contornar a questão, passar ao largo da problemática, evitar previsões, são alguns termos da equação. A complexidade do tempo que se chama "hoje" requer prudência. No entanto, uma coisa é certa: a passagem para o novo milênio não será uma *passé de mágica*. Pouco ou nada se pode esperar dos pessimistas que profetizam o "fim da história", os mais exagerados, o "fim do mundo"; tão pouco se pode contar com os otimistas que, de braços erguidos, esperam cair do céu uma "nova era". Conforme o dito popular, "o futuro pertence a Deus", mas ainda assim, segundo parece, significativa parcela de responsabilidade recai sobre nós e nossas opções.

Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e sempre (Hb 13,8). Mas, como ousou lembrar João Paulo II no discurso aos Bispos do Celam em Santo

Domingo, aos 12-12-84, o seu anúncio requer uma *Nova Evangelização*: "nova em seu ardor, nova em seus métodos, nova em suas expressões".

E a pergunta que permanecer: Para onde vai a Igreja?

João Batista Libânio, conhecido teólogo brasileiro, resolveu quebrar o silêncio. Tive a oportunidade de ouvi-lo por ocasião do 1º Congresso Vocacional do Brasil, realizado de 1 a 5 de setembro p.p., em Itaici, SP. Sua palestra absorveu a atenção do público de mais de 400 animadores e animadoras da Pastoral Vocacional. Não foi por menos! Mineiro de nascimento, Jesuíta por consagração, oportuno e provocativo, resgatou o tema em sua justa medida: *Cenários da Igreja*.

Agora temos em mãos a sua reflexão, organizada no livro com esse título, da coleção CES, publicado pela Loyola. Segundo confidenciou o Autor, "não se trata de uma grande produção". Porém, a iniciativa desta recensão quer ressaltar que a leitura atenta deste trabalho de João Batista Libânio desvela a importância desta pequena-grande obra.

Em *Cenários da Igreja*, ainda na Introdução, uma distinção importante: "Análise de conjuntura", "Modelo". "Cenário". Esta última categoria é a modalidade de análise que o autor utiliza. O cenário "se orienta mais para prospectivas do que para o momento presente. Evidentemente o futuro adquirirá plausibilidade à medida que o presente o avalize. Este tipo de análise não manifesta preferência nem exige escolha de um dos cenários. O analista procura com objetividade descrever tanto o comportamento das forças dominantes no interior do cenário quanto a previsível reação das forças sociais opostas. Só num segundo momento oferece elementos críticos de sua viabilidade histórica e de sua congruência teológica no caso de uma análise teológico-pastoral" (p.13).

Segundo o autor, a dinâmica das forças engendradas, no momento atual, permite vislumbrar, ao menos, quatro cenários da Igreja. Didaticamente apresentados, caracterizam as quatro partes em que se divide o livro, a saber: cenário de uma *Igreja da Instituição*, cenário de uma *Igreja Carismática*, cenário de uma *Igreja da Pregação*, cenário de uma *Igreja da Práxis Libertadora*. Para cada um destes, o autor apresenta uma descrição pormenorizada, destacando algumas características gerais, derivando desses elementos, suas implicações para a vida interna da Igreja (Teologia, Catequese, Liturgia etc), e sua relação com o mundo de fora (Ecumenismo, Diálogo inter-religioso, o mundo econômico, o aspecto cultural, a dimensão político-ideológica etc). Após descrever com objetividade as forças presentes em



cada cenário, faz indicações de sua plausibilidade histórica (positiva e negativa), concluindo com uma avaliação teológica.

Em se tratando do cenário de uma *Igreja da Instituição*, segundo o autor, sua prevalência se fará nos moldes da “tradição romana do segundo milênio da Igreja”, brevemente alterada no contexto do Vaticano II. Historicamente retoma o que Hans Küng define como “paradigma católico romano da Idade Média”. Centrado nas estruturas (cúria romana, diocese, paróquia), colocará em evidência o aspecto normativo e doutrinal. A visibilidade da Igreja será um aspecto importante. O caráter de oficialidade e formalidade deverá reger uma tolerância mínima para com a diversidade, tanto mais suas expressões destoem da Instituição, sobretudo no que diz respeito à reflexão teológica, à liturgia etc. Exercerá o controle mediante clara definição do lugar e das funções de seus membros. Cuidadosamente delimitado o campo de atuação dos/as leigos/as no mundo, fortalecerá sua formação e organização, destinando-os a serem uma extensão da Instituição no mundo. O espaço interno da Igreja pertencerá ao clero, voltado mais para as funções sagradas e institucionais, retornando a um certo clericalismo. A formação do padre terá no seminário a instituição total como forma de reforço da Instituição.

De um lado esse cenário se propõe a dialogar com a modernidade, assumindo sua racionalidade instrumental, em constante confronto e reação à pós-modernidade, mas de outro lado rejeita a face moderna que valoriza a autonomia, a subjetividade, a experiência.

No cenário de uma *Igreja Carismática* encontramos, segundo o autor, um povo quase oposto... A emergência da subjetividade ressalta a predominância do carisma sobre a Instituição. Ganha espaço cada vez maior a experiência, a emoção, a sensação. Avesso ao controle e à imposição de limites, na mesma medida tenderá a afastar-se do aspecto doutrinal e canônico. O dado do conhecimento sistemático e rigoroso perderá a importância, sendo paulatinamente substituído pelo critério vivencial, pragmático, tópico. Os elementos fundamentais da Igreja (formação do clero, Liturgia, Moral etc), serão redimensionados nessa perspectiva.

A efervescência religiosa do momento é favorável a este cenário. No entanto, algumas dificuldades se evidenciam: o conflito com os resultados da ciência e da técnica, o confronto com a Igreja institucional, a dupla face presente no fenômeno religioso atual.

No que diz respeito ao cenário de uma *Igreja da Pregação*, organizar-



se-á em torno da Palavra. A superação de uma Igreja da Cristandade anuncia a passagem para uma Igreja Evangelizadora. Valorizando o aspecto doutrinal e o conhecimento, por sua vez dará ênfase à Pregação, ao ensino mediante a Teologia, a Catequese, a Evangelização, o anúncio missionário. A formação de lideranças terá grande importância, mediante as escolas e universidades católicas, “com a finalidade de formar leigos/as intelectualmente preparados/as para enfrentar o clima hostil à fé em muitos segmentos cultos da sociedade” (p.76).

Tal cenário acompanha o ritmo da sociedade do saber, que exige das pessoas criatividade. Levará em consideração o mundo da informática e sua importância. Em meio à pluralidade das ofertas religiosas, poderá fazer um discernimento em referência ao conteúdo de sua práxis. Em contrapartida, encontrará oposições dos grupos espiritualistas. Na mesma proporção, o acirramento e o confronto com a pós-modernidade será inevitável. Por fim, poderá sobressair o desencontro entre sua proposta e os meios institucionais disponíveis.

Referindo-se ao cenário de uma *Igreja da Práxis Libertadora*, resgatando a caminhada da Igreja latino-americana a partir de Medellín, se pautará em dar efetividade ao projeto da opção preferencial pelos pobres, amparando suas conseqüências. Levando em consideração o diálogo com as emergências dos novos tempos, terá como referência o campo do social. O método *ver, julgar, agir*, acrescido do *celebrar e avaliar*, continuará sendo característico na reflexão teológica. Fundamentalmente os elementos estruturais da Igreja serão revisados a partir das comunidades de base. O espaço dos cristãos leigos/as será de maior relevância; haverá menor acento no ministro ordenado; a vida religiosa dará ênfase renovada à inserção nos meios populares. “A espiritualidade do seguimento de Jesus na relação com a libertação do pobre alimentará a vida cristã”.

Este cenário, em sua história, deixou marcas na Igreja da Libertação nas últimas três décadas. Do seu engamento, o martírio de muitos fecundou sonhos e fortaleceu projetos. Sua sistematização explicitou uma nova Teologia e uma Espiritualidade conseqüente. As comunidades eclesiais de base, CEBs, sinalizam o vigor dessa caminhada. Ainda assim, nem tudo é favorável. Os efeitos da crise das esquerdas e do Socialismo sobre as massas populares não deixou incólume a Igreja da Libertação. Além disso, a influência pós-moderna reduziu bastante a militância, dando nova configuração ao desencanto com a organização.

Segundo parece a este leitor, o livro *Cenários da Igreja* não

demonstra nenhum interesse por indicar “o caminho das pedras” nesta travessia. Tão pouco permite pensar que possa haver um *cenário* em estado puro. Com a mesma lucidez do Autor, é preciso afastar-se de uma leitura linear, mecânica e homogênea da realidade. Como lembra Libânio, “um cenário não se escolhe, impõe-se. Tem-se que viver dentro dele. As análises ajudam a elaborar as estratégias de resistência, caso triunfe um *cenário* adverso. Ou organizar as próprias forças vitoriosas” (p.13). E mais adiante diz o Autor, a título de uma palavra final: “A história nunca está fechada nem também aberta arbitrariamente a qualquer possibilidade. Toda possibilidade necessita de encontrar pontos de apoio” (p. 131).

Pe. Vitor Hugo Mendes

Mestre em Educação pela UFSC, Reitor do Seminário Teológico de Lages em Florianópolis e Presidente da OSIB Nacional.

Endereço do Recensor:

Cx. Postal 5041 - ITESC
88040-970 Florianópolis - SC

TEATRO, TEMPLO E MERCADO

Organização e marketing de um empreendimento neopentecostal

Leonildo Silveira Campos

Vozes/UMESP/Simpósio, Petrópolis, RJ, 1999, 504p.

TEATRO, TEMPLO E MERCADO é uma obra do sociólogo LEONILDO SILVEIRA CAMPOS, que teve sua origem numa tese de doutoramento, defendida no Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, São Bernardo do Campo.

O autor, tomando como paradigma a IURD (Igreja Universal do Reino de Deus), pretende apontar três vertentes importantes: o novo perfil do sagrado, os espaços de sua emergência e as estratégias de propagação.

Com as lentes de sociólogo, desvenda o fenômeno da Igreja Universal do Reino de Deus (*iurdismo*), a partir de 3 pontos de vista: TEATRO, TEMPLO E MERCADO. Cada aspecto revela uma faceta diferente. E o conjunto acaba por revelar um fenômeno complexo.

Em síntese: a IURD é “TEMPLO” porque lida com o sagrado e com o divino; é “TEATRO” porque recupera rituais antigos e os encena junto aos seus fiéis; é “MERCADO” porque realiza o prodígio de transformar bens simbólicos em bens materiais.

1. A teatralização do Sagrado na Igreja Universal

No capítulo referente à teatralização do sagrado (o religioso-ator e platéia se interagindo entre objetos que fazem parte do cenário), o autor conclui que “a transformação do culto religioso num espetáculo é o preço pago pelos religiosos, por submeterem suas ações à soberana vontade do público”. E ilustra o fenômeno fazendo referência várias vezes ao pensamento de Jean Baudrillard:

“Para as massas, o Reino de Deus sempre esteve sobre a terra, na imanência pagã das imagens, no espetáculo que a Igreja lhes oferecia. Desvio fantástico do princípio religioso. As massas absorveram a religião na prática sacrílega e espetacular que adotaram (...).

Nenhuma força pôde convertê-las à seriedade dos conteúdos, nem mesmo à seriedade do código (...) elas querem apenas signos, elas idolatram o jogo dos signos e de estereótipos (...) desde que eles se transformem numa seqüência espetacular...” (Jean Baudrillard, 1994:13-15 in Leonildo S. Campos 1999: 61).

2. Templo e Ritos na Igreja Universal

Na IURD, o templo é apresentado como “hospedaria” do sagrado, espaço energético, um tipo de pronto socorro espiritual. É o lugar onde as pessoas encontram, dentro de uma construção simbólica, um sentido para a vida, boa sorte, saúde e prosperidade.

No templo, os ritos ocupam um lugar central. Eles dão garantia de sacralidade do templo. E o templo, por sua vez, reforça a sacralidade de objetos, atos e atores porque estão sob sua influência.

Em todos os templos da IURD, os fiéis são levados a constatar que os



ritos das demais igrejas, seitas e denominações tradicionais são “inefícazes”, e não produzem resultado algum. São combatidos pelos “ritos puros” e “funcionais”, criados pela IURD sobretudo pela insistente retórica: “contra fatos não há argumentos”. Por isso, diz o autor, na IURD “não há nenhuma possibilidade de ecumenismo com grupos diferentes, mesmo que possuam ritos idênticos” (cf. p.157).

Os ritos de sacrifício, exorcismos, coletas etc, manifestam e escondem processos de inserção dos indivíduos numa ordem sócio-econômica dominada pelo mercado. No templo, os ritos ocupam um lugar central pois funcionam como reforço de uma ordem social, que se pretende manter em funcionamento. Esses ritos alimentam nas pessoas o sonho de mudança a curto prazo, fundado na promessa de que “na IURD um milagre espera por você”.

Nas palavras de Leonildo S. Campos, “trata-se de construções simbólicas de um grupo de adoradores, mas que uma vez criados passam, por sua vez, a dar origem a novos adoradores, conforme receituário sacerdotal”. Enquanto, em algumas igrejas pentecostais existem as salas dos milagres, na qual se encontram ex-votos como muletas, vidros contendo substâncias vomitadas por “pessoas endemoninhadas”, na IURD os ex-votos são eletrônicos, pois o que os curados no templo prometem não é outra coisa senão gravar o testemunho tão logo possível, para divulgar as “maravilhas” operadas pelo Senhor Jesus naquele “santo lugar”.

3. A Igreja Universal e a teoria da “Mercantilização” do Sagrado

O capítulo que trata sobre a IURD e a teoria da “Mercantilização do sagrado” é encabeçado pelo seguinte dito de Rubem Alves:

“Sugiro que o fenômeno das empresas de cura divina deva ser compreendido segundo um modelo econômico e não religioso. O que lhes dá a sua configuração específica é o fato da ‘comercialização’ de bens espirituais, e não o fato de serem espirituais os bens comercializados (...) A meu ver, não estamos diante de uma manifestação religiosa que lança mão de métodos empresariais. Sugiro a direção inversa: a mentalidade de empresa aqui começa a produzir e a distribuir bens espirituais” (Rubem Alves, 1979b:115 in Leonildo S. Campos, 1999:165).

O autor recusa sustentar o conceito de que tudo, na IURD, não passa de



um processo de “mercantilização” da religião. Esse, segundo o autor, não pode ser o único critério de análise porque, entre outros motivos, se trata de um veredicto da mídia e dos detratores do bispo Macedo, o que tornou o conceito de “mercantilização” uma arma de guerra ideológica ou apologética, que pouco esclarece a eficácia comunicadora da Igreja Universal do Reino de Deus.

Justamente, por isso, o autor avança sua pesquisa a partir do pressuposto de que a teoria de Marketing é um critério mais seguro para se analisar a constituição de um mercado religioso no país, assim como para avaliar o dinamismo do campo religioso e a atuação da IURD neste contexto.

4. A marketização do Sagrado na Igreja Universal

A modernidade gerou incertezas por não realizar suas promessas (crença inabalável na ciência, progresso, socialismo) e as instituições religiosas e políticas perderam de vista as utopias, ficando vazias de sentido e agravando ainda mais o clima de incertezas. Tudo isso levou o universo simbólico religioso a expandir-se para outras direções, extrapolando os limites institucionais anteriormente consagrados.

Surgem, assim, novas formas de apropriação do sagrado, segundo a mentalidade da “pós-modernidade”: “dissociação completa da racionalidade instrumental tornada estratégica sobre os mercados móveis e de comunidades enfermas na sua diferença”. (Alain Toureince 1994, in Leonildo S. Campos 1999:204).

Dessa forma o sagrado escapa do controle tradicional e migra para outras áreas como política, esporte, instituições prestadoras de serviços, encarregadas de distribuir os bens simbólicos de uma forma diferente das tradicionais.

Esse deslocamento provoca a dispersão dos crentes, criando, assim, espaço para o surgimento da disputa pelos “perdidos”. É aqui que o Marketing religioso entra com tudo.

É com essa chave de leitura que podemos entender a ocupação do Marketing em atender todas as demandas do campo religioso. Assim, de todos os escombros surgem os “rumores de anjos”, e os interessados em fazer a religião segundo o seu modo, à semelhança de um “restaurante por quilo” onde cada um se serve do que quer e na quantidade que deseja naquele momento. Seguindo as metáforas gastronômicas, surgem sempre mais pessoas dispostas a usarem, elas mesmas, um *menu* religioso, enquanto preferem uma espécie de um *do it yourself* em termos de religião, ou em outras palavras, uma religião *à la carte* (Cf. p. 203)



O autor segue abordando com muita propriedade os seguintes assuntos: a comunicação, o discurso, a teologia e os dilemas administrativos da igreja Universal do Reino de Deus.

Em síntese, o autor conclui que :

a) “o ‘iurdismo’ é um exemplo claro de como o mercado procura propor à religião uma nova lógica determinadora de suas práticas”.

b) O pluralismo, a concorrência, a busca da qualidade total “exacerbou o espírito de planificação e de racionalidade, gerando táticas e estratégias de marketing para atrelar os meios existentes aos fins desejados”.

c) “A IURD é de longe a igreja que mais investe em propaganda no Brasil”. O Marketing se tornou “uma maneira de se estabelecerem relações com outras agências e atores, que atuam a partir do campo religioso. Porém, chama à atenção o autor, o mercado está agindo de forma ideológica. Neste sentido, Leonildo Silveira Campos levanta com propriedade um questionamento basilar:

“Para os cristãos mais conservadores, pelo menos teoricamente, o cristianismo no período pré-mercado teria praticado com mais frequência o altruísmo, e menos o egoísmo. Já na era da hegemonia do mercado, o egoísmo se tornou a mola propulsora da ação social e nos propõe perguntas como estas: Como praticar o amor sem interesse de receber algo de volta, o altruísmo e a caridade descomprometidos da utilidade, como atos de doação pura e desinteressada? Teria sido esta a ‘religião de Cristo’”? (p. 471).

d) Por fim, nosso autor se pergunta sobre o futuro da Igreja Universal do Reino de Deus e hipotiza 4 possíveis cenários: a *iurdização* dos demais grupos pentecostais e do protestantismo histórico; a “*protestantização*” da IURD e conseqüentemente sua burocratização; o esfacelamento pelo conflito de interesses após a morte física ou simbólica de Edi Macedo e, a decomposição do atual campo religioso, de onde a IURD retira sua lucratividade. Leonildo aborda as conseqüências para cada um desses possíveis cenários e considera ser determinante para a continuidade de crescimento do “*iurdismo*”

“a manutenção dos mecanismos sócio-econômicos



excludentes da atual ordem econômica, justamente porque elas provocam desigualdade social, crescimento da pobreza urbana, medo do descenso social, incerteza na manutenção do emprego, violência, falta de percepção de sentido para a vida e outras ‘patologias’ sociais. Se esses mecanismos de produção de pessoas excluídas se mantiverem atuantes e forem globalizados, certamente continuará havendo humus para o crescimento de empreendimentos religiosos tais como o da IURD” (p.474).

Enfim, devemos reconhecer que a IURD introduziu entre nós, graças ao marketing, alguns ingredientes e estratégias que ajudam no dinamismo de nossas comunidades. Porém, não podemos cair no jogo da imitação transformando os tesouros da Igreja (os sacramentos) em *show-business*, nem perder nossa identidade e nem nos deixarmos ser instrumentalizados pela mídia e pelo mercado para que, depois da euforia, não se caia na depressão como já ocorreu historicamente. Os dois mil anos da Encarnação do Verbo e da belíssima história do Cristianismo nos ensinam onde depositar nossa confiança. Precisamos sim, nos voltar sempre para o Evangelho e assumir Jesus como Pessoa, e buscar o Reino de Deus e sua justiça (cf Mt 6,33) em vista da conversão, não só das pessoas mas também das estruturas de pecado. Se essa “*metanóia*” não acontecer, se a situação sócio-econômica não mudar de rumo, a IURD poderá, diz nosso autor, “*entrar no novo milênio como uma das grandes denominações cristãs no Brasil e no mundo*”.

Domingos Volney Nandi

Mestre em Comunicação e Professor no ITESC

Endereço do Recensor:

ITESC - Cx. Postal 5041

88040-970 Florianópolis - SC